

Ao leitor

Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1987, sob o título de *A pontuação: teoria e prática*, obtendo considerável sucesso editorial. Em 2007, em sua 4ª edição, foi revista e ampliada, com a inclusão de exercícios e testes. Desde então, por motivos alheios à minha vontade, a obra ficou fora de mercado. Agora, em sua 5ª edição, mantém integralmente o texto da anterior, à parte as notas introdutórias, aqui abreviadas e reorganizadas.

1 – O princípio fundamental que, desde sua concepção, embasa este *Manual de Pontuação é a teoria das unidades sintático-semânticas*, exposta no cap. IV (p.). Evidentemente, como tudo o que diz respeito às áreas da linguagem e da língua, a pontuação também não é uma ciência exata e, por isto, as *zonas de sombra* são muitas e estão sempre presentes, sendo inútil tentar eliminá-las completamente. Contudo, em minha longa prática de professor, jornalista, ensaísta, tradutor, copidesque e revisor, convenci-me de que a *teoria das unidades sintático-semânticas* é a única que consegue estabelecer e fundamentar um princípio lógico para a pontuação.

2 – Apesar disso, uma obra sobre pontuação será sempre incompleta, no sentido de que jamais poderá abarcar, por mais extensa que seja, a variabilidade, a complexidade e a infinidade das construções sintáticas e semânticas de uma língua indoeuropeia

– no caso, o português. Neste sentido, o cap. XII (“A semântica é a rainha”), apesar de breve, é de fundamental importância.

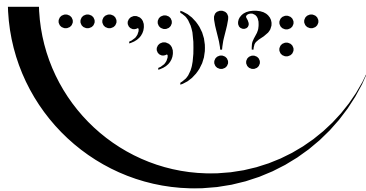
3 – Por fim, o leitor que desejar entrar logo na parte prática pode começar estudando os exemplos comentados e resolvendo os testes.

J. H. D.

Porto Alegre, setembro de 2016.

PRIMEIRA PARTE

A teoria das unidades sintático-semânticas



- I – Natureza e função da pontuação
- II – Uma falsa premissa
- III – A prática e a teoria
- IV – As unidades sintático-semânticas
- V – A questão da intercalação
- VI – A lógica invertida
- VII – Os sinais de pontuação
- VIII – Regras, falsas regras e outras questões
- IX – O poeta, o poema e a pontuação
- X – O casus pendens
- XI – Um enigma recente
- XII – A semântica é a rainha
- XIII – Casos insolúveis
- XIV – Uma última palavra

I

Natureza e função da pontuação

Tomando por pressuposto que toda língua é um sistema de símbolos sonoros convencionados e que a escrita é um sistema de sinais visuais diretamente – com exceção de algumas línguas orientais – vinculados aos referidos símbolos sonoros, é uma evidência que um sistema de pontuação só pode, por sua própria natureza, ser considerado decorrente e integrante do sistema de sinais visuais que é a escrita.¹

Uma comunidade linguística que domine a escrita pode possuir um sistema muito rudimentar de pontuação. Ou, até mesmo, *pode* não possuir nenhum. Contudo, uma comunidade ágrafa jamais possuirá, *por definição*, qualquer sistema de pontuação, pelo óbvio fato de ser ele desnecessário e, até, logicamente impensável. Isto porque tal sistema só pode existir como integrante da língua *quando escrita* e a partir dela.² A não-percepção deste fato primordial e basilar – o de que um sistema de pontuação é um elemento ancilar da língua *quando escrita* e não, sob hipótese alguma, da língua genericamente tomada – é responsável pelo

1 Isto, que parece não passar de um truísmo dispensável, assume, como se verá a seguir, um papel fundamental na elaboração de uma *teoria da pontuação*.

2 Resguardado o fato de a palavra *função* ter nesta nota – e apenas aqui – o sentido que possui em matemática, poder-se-ia dizer que a pontuação é *função da língua escrita*, quer dizer, sua natureza é por esta, e só por esta, determinada.

confuso, para dizer pouco, tratamento que o assunto merece por parte dos gramáticos, pelo menos dos gramáticos brasileiros.

Definida, portanto, a natureza de um sistema de pontuação como sendo a de um conjunto de sinais visuais diretamente ligados à língua *quando escrita*, é necessário perguntar agora pela função que tal sistema desempenha.

Neste ponto aflora uma segunda evidência. Pois parece logicamente aceitável supor que, sendo a escrita, tecnicamente, um mero recurso para dar durabilidade à realização oral da língua, a pontuação seja também, por natureza, um recurso técnico. Determinando, portanto, o objetivo deste recurso técnico, automaticamente ter-se-á definido a função de um sistema de pontuação. Daí decorre a segunda evidência, antes referida: o objetivo – ou função – de um sistema de pontuação é o de servir como elemento auxiliar na explicitação do sentido de um *texto*, que é, por definição, a materialização da língua *quando escrita*. É preciso colocar acento no termo *auxiliar*, para que não haja confusão, já que existem ou podem existir línguas cuja realização escrita não exija ou não disponha de um sistema de pontuação. Por outra parte, um sistema de pontuação poderia e pode apresentar-se sob variadas formas. É possível, por exemplo, imaginar um formado pelo uso diferenciado e apropriado de maiúsculas e minúsculas. Outro pela utilização de espaços maiores ou menores entre as palavras. E assim por diante.

De qualquer maneira, isto não afeta em nada o fato de que todo sistema de pontuação, seja ele de que tipo for, tem por finalidade única e exclusiva fornecer elementos que permitam ao leitor captar e estabelecer da maneira mais rigorosa possível o sentido do texto. Em outras palavras, um sistema de pontuação tem por objetivo último servir – como elemento *auxiliar*, sempre é bom repetir – para que não haja solução de continuidade, ou dissociação, entre o sentido, ou conteúdo, que o texto *deve expressar*, na visão de quem o produz, e o sentido que o mesmo *fornece*, na perspectiva de quem o lê.

Em termos de conceitos gramaticais tradicionais, portanto, a pontuação está ligada intrinsecamente à estrutura sintático-semântica da frase, isto é, à lógica da língua como instrumento de transmissão de informações. E não a *pausas para respirar*, a *entonação*, a *sinais de intensidade*, ao *estilo do escritor*³ etc. Deve-se levar sempre em conta, porém, que a pontuação é apenas um – e não dos mais importantes nem dos mais versáteis – destes instrumentos. Não só por suas limitações como, principalmente, por estar referido apenas à realização escrita da língua.

³ A não ser que por *estilo* se entenda – e isto é perfeitamente aceitável – o conjunto de recursos de linguagem utilizados por alguém para transmitir com precisão – ou com confusão, como é muito comum! – suas ideias.